

ENTREVISTA/Antônio Carlos Magalhães

Vou derrotar Ulysses e Waldir na Bahia

HELENA CHAGAS, MARCELO NETTO e
TEREZA CRUVINEL

BRASÍLIA — Na última eleição presidencial, Antônio Carlos Magalhães teve um papel decisivo: rebelou-se contra a candidatura do PDS, seu partido, e ajudou a eleger Tancredo Neves. A cinco meses de nova eleição, o Ministro das Comunicações diz que vai apoiar seu correligionário Aureliano Chaves (PFL) e defender até o fim — já que outros não o fazem — o Go-

verno ao qual pertence dos ataques que vem sofrendo dos demais candidatos, convencido de que o Presidente José Sarney passará à História como o artífice paciente de uma conturbada transição democrática.

E, para defender, contra-ataca com ironia. Antônio Carlos diz que acha engraçado e custa a crer que o autor de alguns ataques seja o candidato do PMDB, Ulysses Guimarães, "que sempre foi um gover-

nista convicto, sincero, um companheiro dedicado". Garante que, na verdade, Ulysses só faz isso para consumo externo. Na Bahia, promete lutar contra esta candidatura, o que significa derrotar seu adversário Waldir Pires. "Na Bahia, PMDB nunca mais!", frisa.

Além de Ulysses, lembra que Sarney é atacado por outro ex-companheiro de partido, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. Segundo ele, embora Collor não

tenha demorado tanto no Governo quanto Ulysses, devia preocupar-se mais em sensibilizar o eleitorado "com suas qualidades físicas e pessoais" do que atacar o Presidente que o ajudou a se eleger Governador de Alagoas "na onda do Plano Cruzado". E considera justa a proposta de uma devassa das atividades de todos os Ministros de Sarney. Para o Ministro das Comunicações, Collor deve agir da mesma forma em Alagoas.

O GLOBO — O senhor teve participação decisiva na sucessão do Presidente Figueiredo, quando insurgiu-se contra a candidatura Maluf e aprofundou a crise no PDS, o que resultou na eleição de Tancredo Neves. Qual será o seu lance para esta sucessão?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES — O destino traça o caminho também dos políticos. Numa fase muito importante da política brasileira, fiquei hospitalizado por longo tempo, o que me impediu de participar de vários acontecimentos. Entretanto, agora estou com o candidato do meu partido, Aureliano Chaves, esperando que ele tenha um crescimento que é indispensável para que sua candidatura possa alcançar o topo, o que nós esperamos. Na política, não podemos ter apenas um candidato. Quando o candidato não é correspondido pelo eleitorado, temos que tomar outros caminhos.

O GLOBO — Há um prazo para que Aureliano decole?

ANTÔNIO CARLOS — O juiz de tudo é o próprio candidato. Ele é que faz as demarques, com o nosso apoio. Evidentemente, ele sabe qual o prazo indispensável.

O GLOBO — O senhor tem segunda opção na sucessão?

ANTÔNIO CARLOS — Não. A minha posição, fora do Aureliano, é de discrição. Claro que os interesses da Bahia pesam nas minhas decisões. Na Bahia, nosso comportamento será o de infligir uma derrota, o que não é difícil, ao doutor Ulysses e a Waldir. Na Bahia, nós não venceremos. E Waldir que perderá.

O GLOBO — Como o senhor vê o comportamento de Ulysses de criticar o Presidente?

ANTÔNIO CARLOS — Vejo como uma coisa engraçada, às vezes até não acredito, porque o doutor Ulysses sempre foi um governista convicto, correto, que ajudou bastante o Presidente Sarney. Exerceu o Governo 19 vezes, até mesmo concessão na minha área ele assinou, de forma que está sendo mal aconselhado. Quem tem razão aí é o Governador Miguel Arraes, quando diz que Ulysses não pode se desvincular do Governo passado, tais e tantos foram os atos que praticou de apoio ao Presidente Sarney. As vezes, até contrariando o Presidente Sarney, a sua vontade prevalecia, como foi o caso do veto ao Tasso Jereissati para o Ministério da Fazenda. Se eu fosse o Presidente, não aceitaria. Ulysses é um companheiro dedicado. Sei que os ataques são só para uso externo.



Telefoto de Luis Antônio

“Acho engraçado o doutor Ulysses criticar o Governo que exerceu 19 vezes; o doutor Collor demorou menos no Governo mas foi eleito na onda do Plano Cruzado”

No fundo, ele é muito grato ao Presidente Sarney e muito amigo daqueles companheiros que, como eu, sempre acataram suas ordens, quando exercia a Presidência.

O GLOBO — O candidato Fernando Collor é o que mais ataca o Governo. Diz que receberá o voto da vingança.

ANTÔNIO CARLOS — Acho que é uma ótica errada, porque também existiria em Alagoas o voto da vingança contra o Governo do Collor. É melhor que ele sensibilize o eleitorado pelas suas qualidades físicas ou pessoais do que por ataques ao Governo. Não há novidade em atacar Sarney. Hoje, o difícil é defender Sarney. E é a isso que me proponho. Sarney vai passar à História como o Presidente que fez a transição demo-

crática no País, enquanto outros não teriam a paciência que ele teve. Será que ele errou quando convocou a Constituinte porque os constituintes não fizeram a Constituição que o povo esperava? Será que errou quando ajudou Governadores que não corresponderam à vontade do eleitorado? Será que errou com tantas medidas em favor da democracia? Sarney vai deixar o Governo para esperar o julgamento, não só de seus conterrâneos, como também da História.

O GLOBO — Os que estão atacando o Governo erraram com ele?

ANTÔNIO CARLOS — São todos companheiros de longa data, não só do Presidente Sarney, como também do partido do Presidente Sarney, e não houve nenhum que não fosse fruto do Plano Cruzado. Quem tem

autoridade para combater o Plano Cruzado é o Brizola, embora todos saibam que eu não tenho nenhuma simpatia pela candidatura do engenheiro.

O GLOBO — E Collor? Está no mesmo caso de Ulysses?

ANTÔNIO CARLOS — Collor demorou menos no Governo do que o doutor Ulysses mas foi também eleito na onda do PMDB do Presidente Sarney e do Plano Cruzado. Isso não há dúvida. Agora, o doutor Fernando Collor é moço. As pessoas podem mudar e, algumas vezes, é uma prova de inteligência mudar.

O GLOBO — O que acha das promessas de Collor de devassar a gestão dos Ministros atuais?

ANTÔNIO CARLOS — Acho justo. Tem todo o direito de devassar, se for eleito. E tenho certeza de que ele mandará o atual Governador de Alagoas abrir a porta para todos os que queiram devassar a sua administração. Isso é democracia.

O GLOBO — O Presidente estimulou um entendimento entre as forças políticas para solucionar a crise. Isso não é um estímulo ao parlamentarismo, um sinal de que o Governo está exausto?

ANTÔNIO CARLOS — Não. É um sinal de que o Presidente está aberto, como sempre esteve, ao pacto. Só que eu não acredito que isso vá resolver o assunto. Se estamos a menos de cinco meses da eleição, então vamos trabalhar pela eleição. É melhor do que fazer mágicas que não vão dar certo.

O GLOBO — Estão surgindo idéias como a de antecipar a posse do novo Presidente.

ANTÔNIO CARLOS — Como houve isso na Argentina, acham que vai surgir aqui. Mas sou a favor das datas marcadas. Assim como sou pelo 15 de novembro, sou pelo 15 de março. Mas cabe ao Presidente decidir e nós acataremos o que ele resolver. E torço para que o vencedor vença no primeiro turno.

O GLOBO: Por quê?

ANTÔNIO CARLOS — Porque no segundo turno será tal o leilão que existirá para que essa pessoa forme a maioria que eu creio que o Brasil não está numa fase de agüentar isso: compromissos políticos, troca de ministérios, essas coisas todas... Se uma pessoa ganhar no primeiro turno, seu débito para com essas forças será muito menor.

O GLOBO: O senhor acredita que a eleição de Collor vá jogar o País numa crise ainda maior?

ANTÔNIO CARLOS — Não. Acho que todo candidato a Presidente legitimamente inscrito na Justiça Eleitoral tem condições, senão não poderia ser candidato. Entre os candidatos, não vejo motivo para A ou B ser motivo de crise.

O GLOBO — Consta que as bases do PFL na Bahia estão "collorindo". Collor não seria um bom aliado para derrotar Ulysses e Waldir?

ANTÔNIO CARLOS — Negar que o doutor Collor, certo ou errado, tem

uma aceitação popular eu não posso. A pesquisa diz isso. Agora, as nossas bases estão numa posição intransigente: derrotar Ulysses e Waldir. O resto é secundário.

O GLOBO: Então, o senhor pode vir a ser um aliado dele?

ANTÔNIO CARLOS — Não. A minha posição eu digo sempre: será de solidariedade total ao Presidente Sarney. E nós temos um candidato.

O GLOBO — Então, Aureliano é o candidato do Presidente? O Governo terá candidato?

ANTÔNIO CARLOS — O Presidente já falou claramente que não tem candidato nem deve ter.

O GLOBO — Mas dizem que o Governo tem ainda algum peso eleitoral e poderia dar a seu candidato alguns pontos nas pesquisas. Isto não será feito?

ANTÔNIO CARLOS — Se tivesse esse peso todo, os candidatos não estariam atacando tanto. De maneira que o Presidente deve mostrar que está fora do processo, até mesmo para receber a justiça mais cedo.

O GLOBO — O senhor, então, está disposto a ir até o fim na posição de defensor do Presidente?

ANTÔNIO CARLOS — Esta é a minha posição. Se tivermos um candidato, como temos aí o doutor Aureliano, muito bem. Se não tivermos, a minha posição será o tanto quanto possível de equidistância. Isso não significa que o problema baiano seja diferente. Lá, a conversa é PMDB nunca mais.

O GLOBO — Fala-se na possibilidade de queda do Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. O Presidente pretende fazer mudanças na área econômica?

ANTÔNIO CARLOS — Tanto quanto eu sei, o desejo do Presidente é não mexer na área econômica, salvo em casos como este do Banco Central, em que era inevitável a saída do Elmo Camões. O propósito dele é manter a área econômica como se encontra. Entendo que, provavelmente, isso não acontecerá, até porque, a essa altura, a saída de Mailson não traria nenhum benefício. Em primeiro lugar, estão as dificuldades normais de escolher um substituto à altura. Segundo: só temos mais nove meses de Governo e o ano que vem já é o ano do Presidente escolhido.